

7. nº 23
8. Secção - Arte e Literatura
9. Isom
10. Amélia Ester
11. 29 de abril de 1994

METO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")
Reinaldo Moura

O espectáculo cotidiano da vida apaoja em nosso espirito o sentimento de surpresa que poderiamos ter em face dos fenomenos naturais. Todas as manhãs, ao abrirmos o jornal, encontramos um vites para enterno de ex-homens desconhecidos. Nossa diferença superficial não percebe em si mesma nenhuma contracção de musculo, nenhuma careta oculta, resultante do choque entre o medo organico e a indistarcavel advertencia da realidade. Afinal, são mortos desconhecidos, nunca vimos seus rostos, nunca sentimos o calor de suas existencias que para nós se dissolveram no fumo da cidade em um distante drama de aposento em penumbra onde continuam seluça

do alguns desesperados. Nossa indiferença defensiva permanece imperturbável, mas sem no fundo, como no abismo das águas sombrias, qualquer coisa se agitou e nós da mesma nem tomamos consciência. Às vezes aflora à tona o efêmero pensamento, a vaçoa filosofia de um instante que logo se dissipa como o carminim da gota de vinho devorado pelo volume de transparência. A posição do conhecimento, da indagação e da dúvida nessa perturbadora fronteira não permanece por muito tempo aqueda e receptiva. A inércia inabarcável do cotidiano logo a submerge entre as sensações do dia a dia familiar. No o caso sentimento de morte, que mal adjeitou em torno de nossa consciência exaltado pela banal notícia referente a máscaras imobilizadas logo se dissipa na continuidade do tumulto. Os homens se reúnem porque assim esquecem. A solidão sugere um outro jazz, o do desespero, para as almas que se queixam.

Somos iguais aos outros na medida do espírito no paralelo das preferências na semelhança da sensibilidade - O profundo antagonismo das culturas estabelece a rigidez das grandes distâncias, mantendo a separação incommunicável. As mesmas leituras irmanam os homens. Foi quando os que estavam mais próximos de nós, reduzidos a um nome no funeral comite final, desmentem essa impressão da segurança que levamos pela vida, então o sentimento do trágico cotidiano vem provar de desencanto os dias que rondam em torno, até que dissipa a força da hora que marcou a fronteira de uma vida, e na qual sempre relutamos em acreditar.

Foi assim, há um ano, a morte de Casemiro Fernandes. A multidão de amigos que ele possuía acabava achando tão fôra de propósito o acontecimento, que aqueles últimos dias pareciam não fazer parte do tempo comum, mas terem se desenvolvido num outro tempo, numa dimensão de sonho que provavelmente iria se

dissipar dentro de pouco. Então
entrariamos num café e encontrá-
riamos a figura de sempre. Ele
falava de novo em vidade, ele
ainda uma vez nos contaria
novidades dos círculos literários
do Rio ou S. Paulo. Mais uma
vez ele iria nos dizer coisas
sobre um livro novo, talvez trou-
xesse no bolso, como durante
a guerra que separou a inteli-
gência literária francesa do
resto do mundo, num último
poema datilografado de Valery.
Não. Casemiro não podia mor-
rer assim. Ninguém acreditava
que ele ainda não quizesse publicar
seus pequenos poemas, sua auto-
crítica implacável não permitia
que acreditasse um pouco em
si mesmo. Foi essa auto-criti-
ca levada ao exagero que o pren-
deu durante tanto tempo, o me-
lhor de sua vida, na paciente
minúcia das belas traduções, ele
nos deu na língua, aquilo que
era o seu idioma, Martin du Gard
com os Thibaud. Ele andou co-
lhendo na seara dos franceses
mais novos muitas coisas que hoje
permanecem incorporadas ao pe-
rimônio das edições nacionais.

Ainda hoje, na rua, a um
golpe de vista, no meio da multi-

daõ, de vez em quando pensamos: parecia fulano!... parecia o... E às vezes, na multidão, temos a sensação de que os fantasmas voltam. Na realidade, eles nunca se separaram de nós, tão frágil é a membrana que nos separa de seu mundo, pare onde vão todos os nossos pensamentos quando, extinto o tumulto do cotidiano, nossa consciência se compraz em rondar em torno dos enigmas.